

# O telejornalismo entre a paleo e a neotevê\*

Bruno Souza Leal\*\*

Flávio Valle\*\*\*

## Resumo:

O artigo retoma criticamente os conceitos de paleo e neotevê, buscando aproximá-los do telejornalismo brasileiro. Para tal, toma como ponto de partida duas matérias veiculadas pelo Jornal Nacional, da TV Globo, em dezembro de 2007. A análise das matérias e seu cotejamento com as características da paleo e neotevê permitem tanto uma melhor compreensão desses conceitos como contribui para a aprofundar a apreensão do telejornalismo e da evolução histórica da televisão brasileira.

**Palavras-chave:** jornalismo, televisão, narrativa

## Abstract:

This article retakes the concepts of paleo and neotevê, searching to form a contrast with Brazilian TV news. For such, it takes as starting point two piece of news presented by TV Globo's Jornal Nacional, in December 2007. The analysis of the news and its confrontation to the characteristics of paleo and neotevê allows both a better understanding of those concepts as well as to deepen the apprehension of the Tv news and the historical evolution of the Brazilian television.

**Keywords:** journalism, television, narrative

---

\* Este artigo é vinculado à pesquisa "Narrativas do real: o realismo da tevê", apoiado pela Fapemig e pelo CNPq

\*\* Bruno Souza Leal é doutor em Estudos Literários e professor do PPGCOM/UFMG. E-mail: brunosl@uol.com.br

\*\*\* Flávio Valle é mestrando em Comunicação junto ao PPGCOM/UFMG. E-mail: flaviopvalle@yahoo.com.br

Para que ligamos a tevê? Para assistir a um programa ou simplesmente “assistir televisão”? Para informação, entretenimento ou por um hábito integrado ao nosso ritmo diário? Uma tal pergunta aparentemente simples, como se vê, revela a complexidade da inserção da tevê no cotidiano. Afinal, temos a tevê como um “canal” de acesso a conteúdos diversos ou ela, cada vez mais próxima a nós, deixa de ser um aparelho doméstico para se tornar parte fundamental do nosso cotidiano? No cerne da questão, está a distinção entre “paleo” e “neo”tevê, tal como concebem especialmente Casetti e Odin (1990). Ao desenvolverem os termos apresentados anos antes por Eco (1984), os dois autores renovaram a compreensão da evolução histórica da tevê. Fica claro que a percepção dessa mudança é derivada de uma perspectiva “semio-pragmática”, com a qual se busca superar leituras imanentistas ao conjugar a identificação de recursos textuais com a observação do processo de comunicação ali inscrito, ou seja, do lugar construído para o espectador e das expectativas em relação a ele. Assim, “paleo” e “neo”tevê dizem tanto das formas da tevê como também do circuito comunicacional que elas instauram, a ser respeitado ou não pelos telespectadores nas situações concretas do dia-a-dia.

Aliás, é exatamente em torno do espectador que reside uma das diferenças fundamentais entre paleo e neoteve. Segundo Casetti e Odin (1990), para a primeira, o espectador é parte de um público, uma coletividade unida pela mobilização de um repertório de referências comum e que necessita ser educado e informado. Na neotevê, por sua vez, a relação comunicacional é individualizada e o público não é mais um coletivo, mas uma coleção de indivíduos. Assim, substitui-se uma relação com base no contrato (cada programa apresenta um contrato comunicacional específico: informativo, ficcional, etc), por outra, marcada pela proximidade, pela convivialidade e pelo contato: o espaço televisual se confunde com o do cotidiano, através da relação afetiva e convivial do espectador. Assim, se num primeiro momento, a televisão se apresentava como hierárquica e contratual, cada vez mais se torna “um lugar de vida” para o espectador.

Um terceiro elemento importante nessa distinção está na construção da referencialidade. A paleotevê, marcada pela diferença entre os contratos, apresenta-se como uma “janela”, preocupando-se em trazer o mundo para o espectador. A neotevê, por sua vez, é autorreferencial, movida pelo contato com o espectador e pela constituição de um “espaço liminar” que estabelece a continuidade do espaço do vídeo com o da casa. Segundo Eco (1984), a primeira

seria baseada em dicotomias como ficção/informação e pelo primado do enunciado frente à enunciação. Na neotevê, por sua vez, importa menos o que é dito e mais o como é dito. Ao invés de se apresentar como um meio de transmissão de informações, a tevê passa a se organizar em função da relação com o espectador, buscando a sua identificação com seu modo próprio de organizar o cotidiano. Uma das implicações mais instigantes desse entendimento da evolução da tevê reside nos programas telejornalísticos, tal como observou Marcela Ferré (2007), uma vez que são submetidos tanto às características do dispositivo televisual quanto aos parâmetros, processos e valores do jornalismo. Se tal distinção entre paleo e neotevê é pertinente, o telejornalismo estaria então marcado pela autorreferencialidade e pelo contato e ainda julgado e percebido pelas lentes da objetividade e do contrato informativo?

Nesse sentido, este artigo retoma essa distinção(tensão?), considerando especialmente a cobertura dada pelo Jornal Nacional, da TV Globo, às manifestações do Dia Mundial de Combate à Aids, em 1º de dezembro de 2007<sup>1</sup>. Nesse dia, o JN dedicou duas notícias ao tema, que ocuparam 03 minutos e 11 segundos do seu segundo bloco. A primeira matéria durou 01min e 24s e tratou das manifestações realizadas em alguns lugares do mundo; a segunda, com 01min e 47s, abordou a redução do número de crianças infectadas pelas mães durante a gravidez. Nas duas reportagens, repetiu-se uma estrutura já bastante difundida no telejornalismo brasileiro: o apresentador lê a “cabeça” no estúdio, chama o repórter, que inicia uma locução em off (uma sonora), para em seguida surgir na tela e dar sequência a um novo off, que encerra a matéria.

Essa estrutura reflete, por um lado, a importância dada ao tema pelo JN, uma vez que mobilizou sua equipe para apresentar imagens, pessoas e dados de diferentes lugares. Por outro, revela um conjunto de operações típicas do telejornalismo que tanto permitem analisar suas estratégias persuasivas, de afirmação de uma verdade sobre o mundo a partir de sua organização narrativa, como possibilitam observar o circuito comunicacional proposto e performado. Dessa forma, este artigo, ao analisar as reportagens como forma de aproximação crítica às noções de “paleo” e “neo” tevê, vai observar especialmente o papel dos repórteres e apresentadores nas matérias em tela, buscando caracterizar ainda estratégias e

mecanismos de construção da realidade e a imagem do mundo apresentado nesses breves minutos.

## **1. Articulações e contato: culturas e religiões juntas contra um inimigo comum**

Na abertura da primeira matéria, o apresentador William Waack<sup>2</sup> nos convida a experimentar uma espécie de volta ao mundo, acompanhando as manifestações realizadas em função do "Dia Mundial de Combate a AIDS". A viagem, guiada pelo repórter Roberto Kovalick, de Nova York, começa no Brasil, no Rio de Janeiro, onde à nossa frente é possível ver o Cristo Redentor adornado com um laço vermelho. A próxima parada é em São Paulo: de helicóptero, sobrevoamos o Obelisco do Parque do Ibirapuera, também decorado como símbolo do combate à Aids. Do Brasil direto para os Estados Unidos, para Washington, nossa primeira visita é à Casa Branca e em seguida vamos ao Congresso americano, onde, em poucos segundos, assistimos um pronunciamento do presidente George W. Bush para pedir a ampliação da assistência aos portadores do vírus HIV. Em seguida vamos para a China. Lá, junto com o primeiro ministro Wen Jiabao, visitamos uma escola de crianças órfãs da AIDS. Depois, já na África do Sul, somos convidados a participar de um show de música com artistas internacionais, promovido pelo ex-presidente Nelson Mandela.

De volta aos EUA, desta vez em Nova York, acompanhamos uma manifestação na qual, durante 12 horas, voluntários leram os nomes de vítimas da AIDS. Aqui nosso guia faz uma pausa e nos diz que o índice de contaminação por HIV tem diminuído, mas que esta é uma doença que ainda mata milhões de pessoas todos os anos. Nas três últimas etapas da viagem somos convidados a acompanhar outras manifestações ao redor do mundo: a primeira, realizada para alertar sobre os cuidados necessários para evitar a contaminação e exigir melhores tratamentos para os doentes; a segunda, organizada por manifestantes católicos; e a terceira promovida por manifestantes islâmicos. Ao final, ainda somos alertados sobre os riscos da AIDS e informados sobre campanhas de saúde pública realizadas no metrô.

Essa matéria a princípio foi elaborada em acordo com os princípios da objetividade e do contrato informativo, pois faz saber de fatos, através de palavras e imagens, sem que se apresentem, pelo menos não explicitamente, razões, desdobramentos, implicações. No entanto, a própria organização narrativa da matéria se encarrega de articular os diversos fragmentos do mundo, atribuindo-lhes uma direção comum e especialmente coerência e coesão. Em outras palavras: a matéria estabelece uma relação de continuidade, sintática e semântica, entre os diversos fragmentos do mundo que compõem o texto, como entre a imagem do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, o show de artistas na África do Sul e a fala de George Bush.

A matéria constitui-se então como uma espécie de amálgama de tempos e espaços. Assim, os diferentes fusos horários, os diversos tempos históricos e mesmo a duração única de cada acontecimento são fragmentados e reorganizados em função do tempo presente evocado na matéria, que vem a ser também o da enunciação. Todos os tempos anteriores são "quebrados" para se tornarem um presente, no momento em que vão ao ar, para o telespectador. Nesse momento, a matéria apresenta-se como um exemplo tardio do que pensa Gerárd Imbert(2003), quando caracteriza a neotelevisão como o império do atual. Diz ele:

*O aqui agora é o que impera hoje na relação com o mundo, a atualidade é o que ordena a visão deste: o hoje, com tudo que tem de relativo, frágil, fugidio e mutável, é o que determina todas as categorias. Há um imperialismo do presente que tem seu reflexo no próprio meio, em sua estrutura narrativa, na fragmentação do discurso televisivo, no imagem a imagem que é a informação hoje em dia: o flash informativo (igual ao spot publicitário), a estrutura seqüencial do telejornal com seu timing recortado, as entrevistas na rua...(2003, p.86, grifos do autor, no original em espanhol)*

Por atualidade, Imbert entende um presente estendido, que não cria nem passado nem futuro e que portanto é distante do tempo histórico, já que é constituído por superposição e não por acumulação, como palimpsesto e não como patrimônio. A redução da espessura histórica do tempo advém da opção televisiva pelo "ao vivo", de fato ou como efeito, em que a realidade surge como "instantânea", "imediate", marcada por aparente arbitrariedade e gratuidade. O "atual", portanto, surge como um tempo típico da neotevê, pois, mais importante que o tempo dos acontecimentos, é o presente do contato com o espectador que predomina na matéria. Tudo acontece, portanto, "ao vivo", uma vez que o modo de enunciação performado sobrepõe esse atual neotelevisivo ao mundo. Estamos diante aqui de algo caro a Imbert, de uma das características mais importantes da

“hipervisibilidade” contemporânea: a aproximação entre ver e saber. Essa operação ideológica é realizada pela intervenção de pelo menos dois mecanismos, o aparato enunciativo, com função mediadora, e do “ao vivo” para autenticar as imagens:

Ambos reforçam a credibilidade da mensagem inscrevendo-a sob um duplo modo de enunciação (direto e indireto), e contribuem para criar efeitos de realidade que instituem a realidade, mediante sua enunciação, em um ato *performativo* que *produz* realidade ao nosso olhar, criando assim um espaço de interação e reforçando o contrato comunicativo que une espectador e dispositivo televisivo. (2003,p.88, grifos do autor, no original em espanhol)

Se é possível reconhecer claramente o que diz Imbert na matéria do JN, é importante ressaltar que o “imperialismo” do presente implica a articulação nem sempre bem realizada de tempos muitos díspares. Assim, quando surgem no vídeo, apresentador e repórter se tornam presentes ao espectador e toda a sua fala, todos os tempos narrados, convergem para aquele momento de enunciação. É como se ambos falassem “ao vivo”, como se os fatos narrados estivessem acontecendo “aqui e agora”. Mantendo o primado da enunciação frente ao enunciado (ECO, 1984), a matéria, porém, não apaga plenamente os tempos dos acontecimentos ao submetê-los ao ritual enunciativo televisual. Retirar sua espessura não é o mesmo que apagamento e, com isso, sem necessariamente discordar de Imbert, é importante observar que superfície lisa do “ao vivo” televisivo contém rugosidades.

Por outro lado, o primado da enunciação sugere que os diversos espaços narrados (geográficos, sociais, humanos...), apesar de tão díspares, passariam a ser um só, contíguo ao da casa do telespectador. A matéria não traria outros “mundos”, mas apenas um, aquele que mostra e no qual o espectador habita, contribuindo assim para a produção desse “espaço liminar”, constituído pela integração da tevê à habitação. Nesse sentido, é importante observar que quando, do estúdio, o apresentador chama o repórter, aparentemente estabelece-se uma relação dentro/fora, baseada num suposto testemunho do correspondente internacional. No entanto, tal correspondente não esteve em praticamente nenhum dos lugares narrados, não esteve presente em nenhum dos acontecimentos. Seu testemunho, na melhor das hipóteses, é o de uma leitura coletiva do material reunido pela rede noticiosa, pois sua presença na tela é resultado da apreciação dos despachos de agências de notícia, da edição de textos e imagens, do trabalho de produtores e editores que, inseridos na estrutura organizacional, performam posições, rotinas e necessidades da empresa jornalística. Dessa forma, na passagem do apresentador

ao repórter não se constitui, de fato, como a do mundo da tevê para o mundo "da vida". Ao contrário: é como se o mundo televisivo se subdividisse, mas sem abrir mão de conformar/transformar aquilo que lhe é externo.

Esse novo espaço televisual seria uma das operações para construção do contato típico da neotevê. Segundo Eliseo Verón(2001), para quem as tecnologias de comunicação romperam com a escala dos espaços mentais<sup>3</sup> da vida social, a tevê operou uma "inversão da ortogênese" tradicional, ou seja, "...se um sujeito se constitui a partir da estruturação do seu corpo significante", primeiro ele parte do contato para chegar à ordem simbólica da vida social. Os meios de comunicação, e em especial a tevê, por sua vez, estruturam-se primeiro como escrita para depois voltarem-se à "mediatização do contato". (2001, p.19) Da paleo (escrita) para neotevê, portanto, Verón observa que o contato é marcado por operações metonímicas, que estabelecem a continuidade entre o espaço do vídeo e da habitação. À medida que o espaço televisual se amplia, mostrando câmeras, corredores e cantos, este se oferece não mais como um "complemento", mas como algo simétrico e contínuo ao da casa. Outros operadores decisivos na constituição desse espaço liminar são, para Verón, os corpos nas imagens, sejam dos apresentadores, âncoras e/ou repórteres. Se, num primeiro momento, esses corpos eram formais e distantes, eles pouco a pouco se tornaram mais e mais expressivos e a credibilidade (sua, da enunciação e dos enunciados) passa se organizar em função do contato entre os corpos das imagens e da casa, sob o eixo da visão, dos olhos nos olhos.

Com isso, observa-se que o contrato informativo típico do jornalismo ("fazer saber") constitui-se em relação a um outro, persuasivo: fazer crer (CHARAUDEAU, 2006). Assim, observa-se que o eixo ao redor do qual essa volta ao mundo se organizou somos nós, em nossa dupla identidade de telespectadores (CASSETI e ODIN, 1990): nós somos tanto aqueles que nos colocamos à frente do aparelho televisor, alvo e destino das imagens e informações apresentadas, como aqueles que, a convite dos atores televisivos, passamos a ocupar um lugar no interior dos espaços construídos pela tevê. Se assim o for, uma dimensão importante do contato faz-se ver, com o fim da separação que existia entre o espaço interior à televisão e os espaços externos à televisão - o espaço dos acontecimentos e o espaço da recepção. O contato, instaurado pelo convite feito pelo apresentador do

telejornal e mantido pelo repórter Roberto Kovalick durante toda a notícia, reforça a enunciação do telejornal e constrói um espaço ocupado por jornalistas e telespectadores. Neste espaço, a proximidade estabelecida entre estes sujeitos rompe ou minimiza as diferenças entre eles.

Verón, nesse sentido, é bastante perspicaz ao observar que a expressividade dos corpos nas imagens, auxiliada pela amplitude dos espaços do vídeo, gera condições para que o *performer* da enunciação crie uma “distância” entre si mesmo, “como enunciador da atualidade” e aquilo que nos narra sobre esta. Essa distância é viabilizada por “operadores de modalização” que expressam...dúvida! Diz Verón:

Dito de outro modo: ele está ali, sobre o cenário, e quando ele me fala da atualidade, narra a mim aquilo que lhe foi narrado, mas, no fundo, ele não sabe mais que eu. Quando se trata de produzir um discurso específico sobre o acontecimento, não será ele quem o produzirá: chamará um jornalista especializado. *Ele é como eu*. Esta construção termina em por em evidência, dentro da tela (ou seja, do apartamento), de uma tela de televisão: esta estrutura em abismo (a tela na tela) indica bem o *que é, tanto para ele quanto para mim, esse real do qual se fala: uma tela de televisão*. (VERÓN, 2001, p.22, grifos do autor, no original em espanhol)

Assim, já não existiria um jornalista que sabe e um telespectador que não sabe, todos compartilhariam da mesma ignorância em relação aos acontecimentos desse mundo construído pela notícia. No dispositivo enunciativo criado para o contato, o saber descansa sobre um não saber, pois jornalistas e telespectadores se encontram na mesma posição frente ao mundo televisivo, de tal forma que um pode confiar no outro. Na matéria do JN, isso parece claro. O apresentador, ao chamar o correspondente, delega voz e autoridade, se tornando mais um telespectador da notícia. Ao mesmo tempo, ao narrar acontecimentos que não viu em lugares em que não esteve, este nos conta o que lhe foi contado. Não se trata agora do jornalista herói que desbrava e desvela um mundo desconhecido ao leitor; não se registra então uma atitude predominantemente hierárquica e pedagógica. O jornalista é quem ouviu a história primeiro, mas não sabe muito além do que conta, não sabe mais do que eu. A fragmentação dos espaços do mundo e sua superposição na matéria surgem como resultado não de uma leitura consistente, sustentada ou mesmo propositiva elaborada pelo jornalista. Ao contrário. Seu saber é sua possibilidade de enunciar a narrativa, de articular de fragmentos diversos, uma sugestão de sentido, portanto.

Os jornalistas se constituem então como uma espécie de gerentes do contato, são eles que interpelam os telespectadores e os convidam a experimentar a televisão. Do ponto de vista do sujeito, a ordem do contato privilegia o corpo, que se constitui como uma configuração complexa de reenvios metonímicos que faz dele o operador fundamental de apropriação do espaço televisivo. A voz é certamente um dos elementos que compõem o corpo significativo, pois permite que os jornalistas, mesmo não estando presentes na imagem, ocupem uma posição no espaço televisivo e mantenham o contato com os telespectadores. Nessa perspectiva, o repórter se faz presente durante toda a notícia, não apenas durante a passagem, tal como é afirmado nos manuais de telejornalismo.

É também por meio da fala que o repórter orienta o telespectador sobre como experimentar este espaço televisivo. Durante a notícia o telespectador é convidado pelo texto narrado a ver algo nas imagens. Frequentemente redundantes, palavras e imagens “confundem-se”. É sobre essa confusão que se funda a concepção de que no telejornalismo as imagens são representações do real. Contudo, deve-se observar que o telespectador não é convidado a ver as imagens, mas sim aquilo que é indicado pela voz do repórter. Nessa relação, então, preserva-se um pouco da hierarquia jornalista/telespectador. Ainda que “um seja como o outro”, a gerência do contato obriga o corpo televisivo a tentar controlar, através de sua presença e sua voz, o lugar, o movimento, a apreensão das imagens, ou seja, o saber do telespectador, pois do contrário romperia-se uma premissa básica: ver é saber. Assim, preserva-se uma atitude pedagógica: a voz da tevê “ensina” ver que um monumento com uma fita vermelha dobrada é uma manifestação favorável ao combate à Aids e conecta São Paulo com o mundo todo. Faz ver contêineres num porto como indício da queda do dólar (LEAL, 2006). Faz ver, na sucessão de fragmentos de acontecimentos dispersos no espaço planetário, que culturas e religiões estão juntas contra um inimigo comum: a Aids e a discriminação.

## **2. Possíveis conclusões?**

Na segunda matéria em função do Dia Mundial de Combate à Aids, veiculada pelo JN, a apresentadora Carla Vilhena nos convida a conhecer a história de mulheres que durante a gravidez descobriram ser portadoras do vírus HIV e que com a ajuda

de cientistas e médicos conseguiram evitar que seus filhos fossem contaminados. Quem nos narra essa história é a repórter Cláudia Gaigher:

A notícia veio junto com a gravidez. "Quando eu tava com dois meses de gravidez, quando eu comecei a fazer o pré-natal, eu descobri que eu era soropositivo". Conta uma mulher que começou o tratamento antes mesmo do bebê nascer. "Eu tomei o remédio certo, nas horas certas, todo dia, sem falhar, porque não pode falhar com o remédio". A criança, hoje com nove meses, não tem o vírus. Outra jovem, de 20 anos, teve dois filhos. "Fiz o que tinha que ser feito e hoje eles estão aí, sem o vírus", diz ela.

Elas conseguiram ter filhos saudáveis com a ajuda de um exame simples. Basta uma gotinha de sangue em um papel filtro. A amostra chega ao laboratório pelo correio. "Você colhe o sangue na unidade de saúde no interior, seca esse sangue, coloca num envelope porte pago, ele vem aqui. Você reidrata, faz uma reconstituição, tem um líquido para reconstituir, e aí, partir disso realiza o exame normalmente", explica o farmacêutico Carlos Botelho.

Hoje, praticamente todas as mulheres grávidas que fazem o pré-natal na rede pública em Mato Grosso do Sul fazem também o teste do dedinho. E quando o resultado indica que a mulher é soropositiva, ela começa o tratamento imediatamente. Quanto mais cedo a mãe se trata, maiores são as chances de o bebê nascer saudável. "O tratamento é para que a criança não adquira o vírus, que o vírus não passe e contamine essa criança intra-útero ou através do leite materno", esclarece a infectologista Márcia DalFabro.

A reportagem é construída por meio da articulação dos depoimentos que cada fonte jornalística carrega, de maneira que faz emergir uma história que é atravessada por micro-narrativas cristalizadas na figura de cada personagem. Esses pequenos relatos são encaixes (TODOROV, 2004) que implicam a interrupção da narrativa que os precede para que essa nova história seja contada. O encaixe consiste, portanto, na subordinação de uma história a outra que é a principal. Dessa maneira o depoimento de cada uma das fontes convocadas pelo repórter permanece subordinado à história que nos conta. Assim, no início da matéria, é pelo narrar que Cláudia Gaigher assume o lugar de repórter e que as duas mulheres se constituem como mães e portadoras do vírus HIV.

Nessa perspectiva, para que cada personagem se constitua no interior da narrativa é necessário que na história que ela narra seja revelado seu próprio ato de enunciação: seus corpos aparecem como que assumindo a voz e o comando do relato. Nesses casos, não está mais em questão a verdade da história, isto é, a aderência entre o enunciado e o acontecimento, pois a credibilidade do que relatam é derivada da aparente verdade da enunciação encenada diante das câmeras e que diz respeito à sua cota de realidade na relação que é estabelecida entre os agentes televisivos (corpos enunciadores) e os telespectadores. Apesar de surgirem no

vídeo como se estivessem falando pela primeira vez suas histórias, como se estivessem ali, no ar, "ao vivo", as fontes foram antes identificadas, entrevistadas, treinadas e orientadas por produtores e repórteres. Os seus relatos têm como ancoragem mecanismos internos da narrativa e funcionam como autenticadores da história principal, de superação do drama da Aids via tecnologia e procedimentos oriundos do saber médico. Tais "personagens-narrativas" inserem mais elementos ao amálgama de tempos e espaços elaborado pelas notícias e compõem outros níveis no *mise-en-abyme* televisual. No vídeo, olhando para o repórter, que, como o telespectador, é o ouvinte da sua história, o personagem-narrativa fala, então, para este, diante dos seus olhos, aos seus ouvidos. Novamente o que está em jogo é o contato, desta vez, porém, organizado não em torno do olhar, pois é através do ouvir que o telespectador é convidado a ocupar uma posição no interior do espaço liminar tv/casa.

A convivialidade que caracteriza a neotevê revela aqui um dos seus operadores: o repórter "em campo" atua como um mediador "neutro", da conversa que se estabelece entre fontes e telespectador. O tratamento humanístico do tema, adotado na matéria, como que abole a distância entre as histórias daquelas outras pessoas e o mundo do telespectador. Como nos testemunhos e conversas cotidianas, há uma lição de vida a ser aprendida. Nesse caso, que a superação de uma situação adversa advém de disciplina e respeito ao que determina o saber médico: "Fiz o que tinha que ser feito e hoje eles estão aí, sem o vírus", diz uma das fontes. Estabelecida a proximidade entre o mundo da tevê e o mundo do telespectador, a matéria revela-se uma espécie de micro talk show, formato privilegiado da neotevê segundo Casseti e Odin (1990). Até mesmo os telejornais parecem não fugir a essa estrutura que se organiza a partir da delegação de voz que um *eu* (quem fala) confere a outros sujeitos (FECHINE, 2006). As notícias também são construídas dessa maneira, entrecortadas que são pelas histórias das fontes. Já não se trata apenas de transmitir uma informação, mas de assegurar a relação que se estabelece entre os sujeitos no interior do espaço televisivo. Nessa perspectiva, o papel do repórter é mesmo o de gerenciar, do interior do espaço construído pela notícia, o contato com o telespectador, uma vez que é à sua enunciação que todas as outras estão subordinadas. Ainda que essa enunciação aparentemente encontre sua efetiva realização no momento da passagem, ela de fato acontece desde o início da matéria.

De acordo com Umberto Eco (1984), a passagem da paleo para a neotevê pode ser definida como a de uma tevê transmissora da realidade, para outra, produtora do real – televisivo, antes de mais nada. Se assim o for, ainda que submetido aos valores e parâmetros do jornalismo, o telejornal, tal como visto nas matérias escolhidas, está em grande parte em sintonia com a neotevê. Afinal, ainda que preservem algo da uma atitude pedagógica em relação ao receptor, mesmo que baseadas em fontes verídicas e informações confiáveis, as reportagens apresentam narrativas voltadas para a produção de efeitos de real, em que a credibilidade e a autenticidade das histórias é altamente dependente da participação de quem as assiste. Esse espectador não está em “do outro lado” ou em “outro mundo”, não é um “estranho”, mas habitante periódico, habitual daquele território que emerge no contato das imagens e dos corpos.

A autorreferencialidade que caracteriza a neotevê pode, então, ser reconhecida mais claramente. Ao deixar de balizar sua construção do real em um referente externo, anterior à narrativa, passando a fazê-lo visando uma peculiar expectativa de recepção, o telejornal fala menos de um outro mundo e mais desse espaço liminar que surge na sua relação com o espectador. Ainda que não apague tempos e espaços dos acontecimentos do mundo, o telejornal retiraria sua espessura ao constituir-se em função da atualidade da enunciação, do esforço de apresentar-se “ao vivo” no espaço doméstico. A realidade posta em cena, portanto, é menos a do mundo externo e mais do mundo televisivo criado na relação com o espectador.

É curioso observar, nessa perspectiva, que o telejornal surge como a potencialização de características já existentes no jornalismo impresso – no aprofundamento do contato também presente nas páginas do jornal impresso (NÉVEU, 2006; SILVA, 2007) e no desenvolvimento de uma estética realista (PONTE, 2005; BULHÕES, 2007), por exemplo – com os recursos típicos do audiovisual e do dispositivo televisual. O reconhecimento de elementos da neotevê no mais tradicional dos telejornais brasileiros não implica, portanto, qualquer espécie de ruptura radical com a tradição do jornalismo, mas de transformações e materializações de valores e procedimentos ao sabor dos tempos. Os possíveis desdobramentos éticos ou as conseqüências políticas dessas transformações não foram certamente o objeto das reflexões aqui apresentadas, que, porém,

procuraram oferecer uma pequena contribuição a um debate sempre presente se não no cotidiano, pelo menos nas salas de aula do ensino superior.

### Referências Bibliográficas

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007

CASSETI, Francesco; ODIN, Roger. "De la paléo- à la néo-télévision. Approche sémio-pragmatique". *Communications*, n 51. 9-26, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006

DUARTE, Elizabeth Bastos. DIAS DE CASTRO, Maria Lílias (orgs.). *Televisão entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006

DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina, 2004

ECO, Umberto. "Tevê: a transparência perdida". In: ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 182-204.

FECHINE, Yvana. "Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal." DUARTE, Elizabeth Bastos. DIAS DE CASTRO, Maria Lílias (orgs.). *Televisão entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006

FERRÉ, Marcela. Desafios de los programas informativos en la neotelevisión. Revista E-compós, nº8, abril de 2007. Disponível em [www.compos.org.br](http://www.compos.org.br). Acessado em 09/02/2008

IMBÉRT, Gerárd. *El zoo visual*. Barcelona: Gedisa, 2003

JOST, François. *Seis lições sobre a televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004

LEAL, Bruno. Reflexões sobre a imagem: um estudo de caso. Revista E-compós, nº5, abril de 2006. Disponível em [www.compos.org.br](http://www.compos.org.br). Acessado em 10/02/2008

NÉVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Loyola, 2006

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias*. Florianópolis: Insular, 2005

SILVA, Rafael. *Controle remoto de papel*. São Paulo: Annablume, 2007

TODOROV, Tzvetan. "Os homens-narrativas". In: TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 119-133.

VERÓN, Eliseo. *El cuerpo de las imágenes*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

## Notas

---

<sup>1</sup> A escolha das matérias deveu-se ao seu caráter exemplar, detectado pelo acompanhamento do JN ao longo de 2006 e 2007.

<sup>2</sup> Por se tratar de um sábado, os apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes não apresentaram o programa no dia.

<sup>3</sup> Para Verón, o conceito de espaço mental é "mais útil e mais preciso" que o de representação, uma vez que este alcançaria apenas um aspecto semântico vinculado à iconicidade e à dimensão analógica dos signos, desconsiderando outras operações implicadas nas interações sociais. Observe-se aí claramente a matriz peirceana que orienta a abordagem do autor. (cF. Verón, 2001)